

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE *O CAPOTE*, DE NIKOLAI GOGOL, E *O ESPELHO*, DE MACHADO DE ASSIS – O DUPLO NA TRAJETÓRIA DAS PERSONAGENS.

COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN *THE OVERCOAT*, WRITTEN BY NIKOLAI GOGOL, AND *THE MIRROR*, BY MACHADO DE ASSIS – THE DOUBLE IN THE CHARACTERS' TRAJECTORY.

Ana Paula Seixas Vial¹
Raiany Tomazzi²

anapvial@gmail.com
raiany.tomazzi@gmail.com

Resumo: Buscamos, neste ensaio, analisar brevemente a similaridade entre as obras *O Capote* (1842) – do autor russo de origem ucraniana Nikolai Gogol – e *O Espelho* (1882) – do renomado escritor brasileiro Machado de Assis – explicitada através da teoria da alma humana contida neste conto machadiano e que pode também se aplicar à novela gogoliana, apresentando, assim, uma comparação sobre a questão do duplo em ambas as obras. Procuramos as bases na Escola Americana de Literatura Comparada, visto que esta caracteriza-se por ter uma visão mais ampla na análise comparatista, uma vez que se propõe a estudar mais a obra literária em si, e não as influências que uma literatura provocou na outra (literatura de centro *versus* literatura de periferia), característica da Escola Francesa. Apoiamo-nos no conceito de intertextualidade apontado por Kristeva, em que “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (1974, p. 64). Por estar focada no texto, a intertextualidade não exige contato entre os autores: “quem leu quem” não é importante. Portanto não é nossa intenção verificar se Machado de Assis foi influenciado por Gogol, mas sim focar nas duas obras literárias e encontrar paralelos existentes entre ambas.

Palavras-chave: duplo, intertextualidade, teoria da alma humana.

Abstract: In this essay we intend to examine briefly the similarity between *The Overcoat* (1842) – from Nikolai Gogol - and *The Mirror* (1882) - from the renowned Brazilian writer Machado de Assis -, explained through the theory of the human soul in this story from Machado de Assis, which may also apply to Gogol's novel, showing thus the question about the double in both works. We searched the bases at the American School of Comparative Literature, because this school is characterized by having a broader comparative analysis, since it proposes to study the literary work itself and not the influences that one literature led to the other (literature from the center *versus* literature from the periphery), characteristic of the French School of Comparative Literature. We rely on the concept of intertextuality pointed out by Kristeva (1974), where "every text is constructed as a mosaic of quotations, every text is an absorption and a transformation of another text". Being focused on the text, intertextuality does not require contact between the authors, so "who read who" is not important. So it is not our intention to verify if Machado de Assis was influenced by Gogol, but rather focus on both literary and find parallels between the two works.

1 Graduada em Letras - UFRGS.

2 Graduada em Letras - UFRGS.

Keywords: double, intertextuality, theory of the soul.

1 Síntese das obras

O conto *O Espelho – esboço de uma nova teoria da alma humana* foi originalmente publicado no jornal Gazeta de Notícias em 1882 e reunido em livro intitulado *Papéis Avulsos* do mesmo ano. Jacobina, personagem principal do conto, narra a seus amigos uma nova teoria, na qual todo indivíduo está sujeito a duas almas, uma interior e outra exterior. No seu caso, aconteceu aos 25 anos (no momento da narração, ele tem entre quarenta e cinquenta anos), quando fora nomeado alferes da guarda nacional. A criação da sua alma exterior aconteceu quando foi passar um tempo no sítio da sua tia Marcolina. Lá, ela e seu cunhado chamavam-lhe apenas de “senhor alferes”, elogiavam-no a todo instante, concedendo-lhe regalias por ser o alferes da família. Por fim, acabou acostumando-se com essa situação e viu na farda de alferes o seu duplo, minimizando, por fim, a sua parte de humano: “o alferes eliminou o homem” (ASSIS, 1994). Contudo, quando a tia foi visitar a filha que estava doente, Jacobina se viu sozinho no sítio, sem ninguém para prestigiá-lo (inclusive os escravos, pois haviam fugido). Perdeu a motivação para viver. Dias depois de estar completamente só, encontrou no espelho que a tia comprara especialmente para ele uma maneira de voltar a ser quem era. Vestiu a farda de alferes e “o vidro reproduziu então a figura integral” (ASSIS, 1994).

A novela *O Capote* foi lançada em 1842 e conta a história de um funcionário público pobre chamado Akaki Akakiévitch, que vive apenas para o trabalho; sua vida se resume a acordar, ir ao trabalho fazer cópias de documentos e voltar para casa, levando algumas dessas cópias para adiantar o trabalho. A ação começa quando ele percebe que está precisando de um casaco novo, pois o seu já estava deteriorado e, por isso, os colegas de repartição “haviam mesmo retirado a nobre denominação de casaco para tratá-lo desdenhosamente por capote” (GOGOL, 2008). Procura então o alfaiate Petrovich, esperando encontrá-lo bêbado para, assim, fazer-lhe um preço razoável. Akaki tem azar, o alfaiate lhe cobra um preço elevado, para um pobre conselheiro titular. Akaki resolve que vai adquirir o casaco e abstém-se de tudo o que pode, inclusive dispensando o jantar para juntar dinheiro o mais rápido possível. Todos os seus pensamentos giravam em torno do novo capote e, quando consegue comprá-lo, tem a sensação de que sua vida finalmente ganhara sentido. Todos na repartição notaram o novo casaco, respeitando-o pela primeira vez. Inclusive, o subchefe resolveu dar uma festa para celebrar o casaco novo de Akaki. Voltando da festa, Akaki foi abordado por dois homens, que lhe tiraram o capote. Voltou desolado para casa. Passou a procurar pessoas que pudessem

ajudá-lo, até que chegou à “pessoa importante”, uma pessoa que era influente e que conseguiria fazê-lo reaver o capote. Essa pessoa tratou-o da pior maneira possível, fazendo com que Akaki chegasse a desmaiar. Saindo da repartição dessa já dita “pessoa importante”, adoece em decorrência do frio e, aos poucos, vai piorando, até que não consegue mais trabalhar; sua situação piora definitivamente e, já tendo alucinações – todas relacionadas ao capote – logo em seguida, morre. Algum tempo depois, corre o boato de um fantasma estar roubando capotes pelas ruas de São Petersburgo, e um colega de Akaki reconhece-o. A polícia tentou agarrá-lo, mas não conseguiu. Nessa época, a “pessoa importante” sentiu remorso e resolveu ajudar Akaki. Quando soube que o conselheiro havia morrido, ficou de mau humor e foi a uma festa de seus amigos, onde teve desejo de encontrar a amante. Pegou um coche e, no caminho, o fantasma de Akaki Akakiévitch ataca-o, pegando-o pela gola, querendo o casaco. A “pessoa importante” joga o casaco para longe e volta para casa. A partir dessa noite, o fantasma de Akaki nunca mais foi visto.

2 A questão do duplo: breve explicação

O termo consagrado pelo movimento romântico é *Doppelgänger*, cunhado por Jean-Paul Richter em 1796, e que se traduz por “duplo”, “segundo eu”. Significa literalmente “aquele que caminha do lado”, “companheiro de estrada”. O duplo tem sua apoteose no século XIX, com o movimento do Romantismo, mas remonta a épocas bem mais distantes no tempo: antigas lendas germânicas e nórdicas já contavam com o encontro do duplo, muitas vezes como um presságio da morte.

Pierre Brunel, no *Dicionário de mitos literários* (1977), aponta para uma definição tomada por Keppler (1972) sobre o duplo:

Para ele [Keppler], o duplo é ao mesmo tempo idêntico ao original e diferente – até mesmo o oposto – dele. É sempre uma figura fascinante para aquele que ele duplica, em virtude do paradoxo que representa (ele é ao mesmo tempo interior e exterior, está aqui e lá, é oposto e complementar) [...]. Trata-se das duas faces complementares do mesmo ser (BRUNEL, 1977).

Percebem-se aqui elementos presentes na teoria da alma humana explícitos no conto de Machado de Assis e implícitos na novela de Gogol: o ser humano possui duas almas, que fazem parte do mesmo eu, e essa segunda alma é fascinante aos olhos do seu “possuidor”, assim como será explicado neste ensaio.

3 Aspectos similares entre as obras

A similaridade entre as obras é notada quando se colocam ambas as personagens – Jacobina e Akaki – na mesma ótica da teoria que a personagem machadiana desenvolveu. A questão do duplo torna-se evidente, se partirmos da premissa de que são o porte e a perda da farda de alferes e do capote que provocam as transformações na vida dos dois.

Essa nova teoria tem como proposta que todos possuem duas almas: antes disso, a existência é insignificante. A segunda alma de Jacobina é a farda de alferes, enquanto a de Akaki é o capote. Neste conto de Machado, não nos é apresentada como era a vida de Jacobina antes da posse da farda, porém é possível imaginar que ele não tinha *status* social e, talvez, nem afetivo, pois o carinho que recebe parece ser proveniente da sua condição como alferes, sendo o porte da farda seu momento de virada, de glória:

E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. [...] Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... (ASSIS, 1994).

Akaki, como já mencionado na síntese, não tinha uma existência com diversão nem mesmo com entusiasmo; era simplesmente o homem que copiava documentos. Esse trabalho, segundo Consuelo Salomé (1991), tem a ver com a “própria repetição de si mesmo pela personagem, já figurada pela reiteração de sons do seu nome: AKAKI AKAKIÉVITCH, e a atividade repetitiva – copiar documentos” (SALOMÉ, 1991). A situação de menosprezado em relação à sociedade é vista não apenas entre os colegas de repartição, mas também por pessoas desconhecidas, pois “tinha a virtude de se encontrar debaixo de uma janela no momento preciso em que por ela eram atirados toda sorte de detritos” (GOGOL, 2008). A virada acontece quando ele se propõe a comprar o capote, e aí entramos na teoria da alma humana de Jacobina. A segunda alma de Akaki, o capote, começa a dominá-lo, pois sua vida gira em torno apenas desse objeto de desejo, da mesma forma que Jacobina sentia-se inteiro apenas com a farda, o posto, *status* social alimentado pelos familiares. Ambas as personagens têm o mesmo sentimento: nada do mundo importava mais que a sua segunda alma:

Como ele sonhava sem parar com seu futuro casaco, este sonho foi para ele um alimento suficiente, embora imaterial. Mais ainda: sua própria existência ganhou em importância. Sentiu ao seu lado como que a presença de um outro ser, algo como uma companhia amável que houvesse consentido em percorrer com ele os caminhos da vida. E tal companhia não era outra senão a bela peliça nova, acolchoada com um pesado forro. Ele se tornou mais firme de caráter tão logo fixou para si uma meta de vida (GOGOL, 2008).

As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes (ASSIS, 1994).

Outro ponto de intertextualidade entre as obras é verificado no momento da perda dessa segunda identidade, do duplo que estava maior do que a alma interior das personagens. Jacobina, percebendo estar sozinho no sítio, prefere não se olhar no espelho, visto que não veria sua figura integral (o alferes), apenas uma parte que ele considerava insignificante (ele sem a farda). Com as palavras do próprio Jacobina,

[...] o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me, orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam de alferes (ASSIS, 1994).

O mesmo acontecera com Akaki, entretanto no momento de delírio antes da morte. Seus pensamentos dirigiam-se a um único ponto: sua segunda alma, o capote:

Ora via Petrovich e lhe encomendava um sobretudo munido de armadilha para ladrões que cercassem seu leito [...]. Ora se perguntava por que seu velho capote estava dependurado lá na parede se ele possuía um belo sobretudo inteiramente novo. [...] Perto do fim, Akaki Akakiévitch pôs-se a balbuciar palavras incoerentes, mas que não eram menos indicativas de que todos os seus pensamentos continuavam a girar confusamente em torno do capote (GOGOL, 2008).

O último ponto de análise que consideramos crucial é a redescoberta, o reencontro com seus respectivos duplos. O encontro de Jacobina ocorreu ao perceber que tornaria a se encontrar com a sua segunda alma no momento em que vestisse a farda e se enxergasse em frente ao espelho, no qual finalmente se veria por inteiro:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior (ASSIS, 1994).

Já o encontro de Akaki deu-se depois da morte, como fantasma. Para “dormir em paz” e reencontrar sua segunda alma, teve de voltar ao mundo dos vivos e vingar-se de quem se negou a ajudá-lo a reencontrar o capote roubado, tomando-lhe, assim, o capote. Depois dessa vingança, o funcionário-fantasma não apareceu mais.

Ah! Ah! Aí está você! Finalmente posso te agarrar pela gola! É de teu casaco que eu preciso! Tu não quiseste, não é?, mandar que procurassem o meu, chegaste mesmo a me passar uma esculhambação! Pois bem, agora, não é?, me dê o teu (GOGOL, 2008, s. p.).

4 A farda e o capote: a necessidade da máscara

Reiterando as afirmações já expressas neste ensaio, é possível associar a figura da farda de Machado e do capote de Gogol à “necessidade da máscara”. Isso porque ambas as personagens apresentam suscetibilidade em relação a uma sociedade de aparências. Para a personagem Jacobina, “não basta vestir a farda. É preciso que os outros a vejam e [além de tudo!] a **reconheçam** como farda”. (BOSI, 1999); Akaki, por sua vez, procura um novo casaco, porque os colegas de repartição faziam piada do antigo, porque os **outros** riam-se do capote velho, e não por vontade própria. As duas personagens submetem-se ao *status* social que as vestimentas lhes proporcionam, apontando para o fato de que “é impossível viver fora das determinações sociais” (BOSI, 1999).

Mas que sociedade é essa que interfere tanto na realidade das personagens? Rousseau, em *Emílio ou da educação* (1968), já afirma que “é preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade”. Isso porque, embora simples, mas que não pode ser esquecido, o conceito de *sociedade* dá-se pela reunião de seres humanos. O autor continua: “se se tratasse somente de mostrar aos jovens o homem por sua máscara, não seria necessário mostrar-lhes, eles o veriam sempre”. Concluímos, assim, que o indivíduo possuiu o seu subterfúgio, a sua máscara, que é exigida pelo grupo de indivíduos que também fazem uso do mesmo recurso. Jacobina e Akaki seguiram ambos os preceitos do filósofo, deixando-se influenciar por essa sociedade que eles mesmos constroem.

5 Considerações finais

Com uma leitura atenta, a intertextualidade entre os textos literários torna-se clara, pois, através da análise apresentada, vemos tópicos em comum que se cruzam. Mesmo sendo publicadas com uma diferença de 40 anos, poderíamos sugerir que o esboço dessa nova teoria da alma humana, empregada no conto *O Espelho*, pode ser muito bem aplicada à novela de Gogol, pois Akaki também tem seu duplo, sua segunda alma numa vestimenta, assim como Jacobina. Percebemos que a questão do duplo não é novidade dessas obras, ela vem sendo construída pela sociedade há muito mais tempo, porém recriando-se nessas obras de uma outra maneira.

Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. O espelho. In: _____. *Obra completa*. v. 2, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 345-352.

BOSI, Alfredo. A Máscara e a Fenda. In: _____. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 73-126.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Tradução: Carlos Sussekind [et al.]. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. 939 p.

GOGOL, Nikolai Vassiliévitch. O capote. In: _____. *O capote /e/ O retrato*. Tradução: Roberto Gomes. Porto Alegre: LPM, 2008. p. 7-50.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução: Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974. 199 p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968. 581 p.

SALOMÉ, Consuelo. Nicolau Gogol: rir é o melhor capote - a perspectiva irônica de O capote. In: _____. *Boletim do centro de estudos portugueses*. Belo Horizonte, v. 11, n. 13, 1991. p. 145-157.